

## Depoimento transcrito

Entrevista com Ailton César, 32 anos, autônomo.

**Monique: Onde o senhor nasceu?**

Ailton: nasci no interior do estado do Rio de Janeiro, em Campos dos Goytacazes.

**M: E por qual motivo o senhor veio morar aqui no Rio de Janeiro?**

A: O principal motivo é que lá, lá no interior do estado do Rio não tinha... recursos, né, pra... Eu contraí uma, uma deficiência, uma... Eu tive poliomielite quando criança, e em função disso tivemos que vir aqui pro Rio pra tratamento.

**M: E quando o senhor veio morar aqui?**

A: Aos, com uns dois anos de idade.

**M: E como foi a sua infância? Poderia falar um pouco pra gente.**

A: Eu, eu posso dizer que na, a minha infância foi um tanto quanto sofrida com relação a.. tratamento e etc, mas...(acho?) que basicamente isso. Um tanto quanto sofrida.

**M: E o senhor tem irmãos?**

A: Nós somos três. Tenho um irmão e uma irmã.

**M: E o senhor é casado? Tem filhos?**

A: Casado. Tenho uma filha... uma filha que tem um ano de idade. Um ano e quatro meses pra ser mais preciso.

**M: E o senhor pertence a alguma religião. Freqüenta algum tipo de religião?**

A: Eu sou cristão. Freqüento a uma igreja evangélica.

**M: Tá. E qual a sua atual ocupação?**

A: Atualmente, eu tô trabalhando por conta própria, né. Trabalho com comunicação visual e tenho uma, uma pequena, uma pequena firma. Faço letreiro, trabalho com letreiros, faixas, placas, outdoors essas coisas...trabalho de rua, placas de ruas.

**M: E no que o senhor já trabalhou?**

A: AH! No trabalho informal, né, no trabalho informal eu já fui feirante, fui fotógrafo, é... aos dezoito anos consegui entrar pra, pra extinta *telerj*, que era (quem?) a empresa de telecomunicação da época... e já fiz várias coisas. Fui, fui cobrador de ônibus, fui auxiliar administrativo, arrecadador comercial e ultimamente, um tempo atrás trabalhei também como é... arrecadador de pedágio... enfim.

**M: O senhor disse que na sua infância, o senhor contraiu uma deficiência. E no que isso te afetou em relação ao trabalho?**

A: É, eu nunca fui de abaixar a cabeça não. Mas, a gente sabe que o preconceito existe, né?! Não pode negar. E muita das vezes isso, isso me atrapalhou no trabalho sim. Até

porque quando a gente (procura) pra conseguir um emprego você não tem como mostrar que você sabe fazer, que você pode desempenhar bem, bem aquela função. Agora, depois que a gente consegue, quando a gente tem a oportunidade, normalmente, o portador de deficiência é assim, acontece assim, ele quer se superar, quer superar os outros e acaba é..., isso acaba acontecendo [**M: Acaba fazendo melhor? Pra superar?**] É acho que pra provar, eu acho que pra provar pra, pra uma... como se fosse um agradecimento pela oportunidade que, que foi dada, entendeu?! Eu acho que é mais ou menos por aí.

**M: E, qual foi o seu primeiro contato com o trabalho? naquilo que você... qual foi a sua primeira ocupação?**

A: É, como eu disse no início. Na, no trabalho informal, eu (acho?) aos catorze anos, eu fui trabalhar na feira, vendia verduras, legumes, essas coisas, né, foi o primeiro contato assim, a trabalho em si.

**M: E, qual foi o emprego, dentre estes vários empregos, ou melhor, várias ocupações que o senhor já teve, qual foi aquele que o senhor mais se identificou?**

A: Pra ser bem sincero, todas, todas as ocupações que eu tive, eu, eu me identificava muito porque eu gosto muito de lidar com o público, né, e em todas elas eu tinha um contato direto com o público. Eu gostei muito do meu primeiro emprego, é... formal, né, trabalhei sete anos na, na *te/erj*, eu me identificava muito. Me identifiquei muito lá. Ali eu podia mostrar mais, é... eu tive a oportunidade de mostrar o meu potencial.

**M: Sabemos que hoje em dia está muito difícil conseguir um emprego, há grandes procuras e poucas ofertas. E qual foi a sua maior dificuldade em conseguir um emprego?**

A: Além da deficiência que eu, eu não gosto de colocar como dificuldade, porque não é dificuldade pra mim. É dificuldade, a dificuldade está na cabeça das pessoas, né. E o preconceito (acontece) existe mesmo e essas coisas. E eu acho que o mercado ele tem exigido muito, ele tem exigido muito das pessoas, né. Com relação à escolaridade, [**M: qualificação**] qualificação, entendeu? E... muitas vezes... eu tenho uma opinião própria que muitas das coisas que a gente aprende, até mesmo na escola, lá na frente você num... acaba não usando. O mercado vai, te exige muito mais ainda do que você realmente já, já tinha. A bagagem que você já tinha.

**M: E quais eram as suas relações com os trabalhadores, ou seja, com as pessoas que trabalhavam com você?**

A: (normalmente?), no começo, as pessoas...é... tende naturalmente a se... por se tratar, né, de um portador de deficiência, a querer poupar, a dar menos trabalho, dar menos... e você não, e você quer fazer o contrário, você quer pegar tudo pra você, você quer fazer, você quer mostrar que faz. Então, há esse... essa... esse choque. Mas, acho que, que de um modo muito geral é muita boa a experiência que eu tive com outras pessoas que não eram portadoras de deficiência. Teve uma vez que me aconteceu um episódio comigo, é..., eu tinha um supervisor que ele resolveu, sabe?!, testar até onde ia a minha, a minha... é aquela coisa de, pô, querer, de querer fazer, de tá pronto, ah! fica até mais tarde e tal. Então, ele queria ver até onde eu ia agüentar. E, aí eu vi que isso tava acontecendo, que existia a perseguição. E chamei, e nós conversamos a respeito, é... e

acabamos (?), chegamos a um denominador comum. E o que acontece? Ele, ele, depois ele caiu na real, viu que não era por aí. Ele podia muito bem tá... eu, eu podia tá fazendo ou não, sendo deficiente ou não, entendeu?! Eu acho que, que as experiências que eu tive com relação às pessoas lá fora, é... teve, teve seu lado ruim, teve seu lado bom. Eu to... eu me lembro de uma vez que, quando desempregado fui à uma empresa de ônibus pra... pedir emprego. E lá tinha muita gente que, que tava na porta da empresa, né, pra pegar... quando eles pegaram, recolheram as carteiras de todo mundo, e vieram... depois, uma hora depois veio o rapaz chamando: "olha, quem eu chamar aqui vai, vai... é pra ir embora e tal. E que, que eu não chamar, aguarda pra gente... pra ir pra fazer uma entrevista". Eu tava naqueles que não foi chamado e que ia fazer a entrevista. E o quê que acontece? Quando nós chegamos lá, quando todo mundo chegou pra fazer ele... na carteira não tinha como eles saber que eu era portador de deficiência, né. Então, pela carteira, pra (carteira), na carteira eu fui aprovado. Com a avaliação que eles fizeram na carteira, o último emprego acho que tinha dois ou dois anos e pouco, no último emprego e tal, e esse era um dos requisitos que eles precisavam. Mas, ao chegar na entrevista, como já era com outra pessoa, o cara falou mesmo, na minha lata: "Ó, o senhor vai, não vai poder ficar aqui com a gente, porque a política da empresa é... atualmente aqui num tá empregando portador de deficiência", e isso, assim, me deixou, assim, um pouco desanimado. Você, pô, você sabe que podia exercer (ter?) uma função, entendeu?!, sabe que muitas das vezes você quer trabalhar. Pessoas que estão ali, de repente, consegue por não ter, não ter aquela dificuldade que o cara colocou é... não vai desempenhar tão bem quanto você sabe que você faria. E você é prejudicado por causa de um preconceito que tá, né, na cabeça, né, das pessoas. Então, essas experiências que você... que eu pude ter, isso me fez amadurecer muito. O preconceito que eu tinha também na... na minha adolescência, aquela coisa toda de achar que... muitas das vezes eu me colocava assim que... a tendência ia, é a coisa tendia a levar a coisa pro lado de... Ah! não, eu mesmo ter pena de mim, entendeu?! Então, eu acho que quando você começa vendo as tuas dificuldades, colocando dificuldades na tua frente, aí com certeza a coisa não vai fluir. Agora quando você é consciente que a dificuldade existe, mas que você pode vencer aquela dificuldade, com certeza a coisa flui. E graças a Deus, foi isso o que aconteceu comigo.

**M: É. Qual a sua opinião sobre a atual política em relação ao emprego?**

A: É... a política atual em relação ao emprego, eu acho que melhorou muito, entendeu?! Acho que há um tempo atrás era mais complicado, você é... a qualificação, o jovem etc. mas, eu acho que pode melhorar muito, entende?! Eu até acho que os nossos governantes podiam, assim, desenvolver uma política de conscientização, de que a pessoa teria que se preparar. Eu acho que a religião ajuda muito nesse... sentido também, entendeu?! É esclarecimento com relação a você constituir família. Enfim, você... hoje o que acontece? As pessoas, é... normalmente começam trabalhando cedo, vão trabalhar cedo. Terminam, aí, muito mal o ensino fundamental e vai pro mercado de trabalho de qualquer maneira, pega o que tem mesmo porque tá difícil e dali ele, normalmente, casa ou... tem filho, né, e aquilo ali já acabou pra ele. Por que, o que vai acontecer?! Ele vai ter que cuidar do filho, não vai ter tempo pra se preparar pra mais tarde. Então, não houve, assim, não houve um planejamento, entendeu?! Então, eu acho que quando as pessoas se conscientizarem de que elas primeiro vão estudar, vão se qualificar, pra depois ter um emprego e uma coisa assim, para logo (?) aí, sim, pensar

em constituir família, etc, etc. Mas isso, tem que partir das nossas autoridades, eles têm que desenvolver projetos, e sei lá, palestras, enfim, uma série de coisas. Isso, eu acho, que a igreja, a religião, eu acho que já tem ajudado bastante, mas eu acho que pode melhorar. Eu acho que a parte da política mesmo, propriamente dita, eu acho que essa parte teria ficar com os nossos governantes.

**M: Muito obrigada, senhor Ailton, pela sua entrevista.**

A: Obrigado você.